

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: UMA ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS-EJA

Letícia da Silva Barboza¹

Resumo: A linguagem é um fenômeno social porque se constrói e ganha significação através de um processo de interação com o outro. Está presente em todas as atividades humanas, assumindo um caráter multiforme. A variação linguística é uma decorrência das diversas possibilidades de manifestação verbal que o sistema linguístico põe à disposição de seus falantes. Verificamos que esse tema é pouco abordado em relação ao ensino de língua materna – se abordado, ainda não é satisfatoriamente. Notamos que as escolas pouco discutem essa questão, ressaltando sempre a norma culta. Entretanto, acreditamos que cabem as mesmas contemplarem também a variação da língua. As instituições escolares devem dar ênfase a esse assunto para desmistificar a crença de que há uma única língua correta, principalmente, para alunos da EJA que apresentam características distintas. Com intuito de examinar como se dá a discussão sobre variação nas turmas da EJA a partir do material de apoio do professor, neste trabalho, analisaremos uma coleção de livros didáticos. Almejamos fornecer subsídios para o ensino/aprendizagem de língua portuguesa, bem como promover uma reflexão sobre o assunto para ressaltar que o papel da escola não é o da substituição de um modelo de linguagem por outro, mas o da adequação linguística.

Palavras-chave: Variação Linguística. Livro Didático. Educação de Jovens e Adultos.

Abstract: Language is a social phenomenon, since it is built and gains meaning through a process of interaction with others. It is present in all human activities, assuming a multiform character. Linguistic variation is a result of various possibilities of verbal expression that language system makes available to its speakers. We find that this issue is rarely addressed in relation to the mother tongue teaching - if addressed, is not satisfactorily. We note that schools shortly discuss this question, always

¹ Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio grande do Sul-PUCRS. Email: leticiabarboza1@hotmail.com

Letícia da Silva Barboza

emphasizing grammatical rules. However, we believe that they also have to contemplate the linguistic variation.. Schools should emphasize this subject to demystify the belief that there is a single correct language, especially for students of adult education, who present distinct characteristics, students. In order to examine the discussion of variation in EJA classes through teacher support material, we analyze a collection of textbooks in this paper. We aim to provide support to Portuguese teaching / learning as well as to promote a reflection about the subject to emphasize that the role of the school is not the replacement of a language model for another, but the linguistic appropriateness.

Keywords: Linguistic Variation. Textbooks. Adults Education.

Introdução

A linguagem está intrinsicamente ligada à sociedade. Essa interação constitui o ser humano, uma vez que é através do exercício da linguagem que o homem constrói a sua identidade e suas relações com outros homens. Segundo Benveniste (1976, p. 27) “é dentro da, e pela língua, que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente”.

Ao considerarmos que a linguagem é um fenômeno social, logo compreendemos que a mesma não é estática e nem homogênea, manifestando-se de inúmeras formas. Denominamos essa diversidade: variações linguísticas, que podem estar relacionadas a fatores diversos, tais como: classe social, sexo, origem geográfica, entre outros.

Embora seja evidente que há diversas formas de manifestação da língua, variando de acordo com a situação de uso e seus interlocutores, verificamos que esse tema ainda não é abordado de forma eficiente nas aulas de língua portuguesa, nas escolas de nosso país. Ainda temos um ensino que enfatiza a norma culta, o certo e o errado da língua, sendo, muitas vezes, discriminatório. Isso vale, principalmente, para os alunos da Educação de Jovens e Adultos-EJA que apresentam características bastante peculiares e uma relação com o ensino/aprendizagem bastante dificultosa por diversas razões sociais.

Dentro dessa perspectiva de variação da língua, o presente trabalho tem por objetivo analisar uma coleção de livros didáticos para alunos da EJA. Serão analisados quatro livros

ARTIGO

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: UMA ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS-EJA

da coleção Tempo de Aprender, destinados aos 6º, 7º, 8º e 9º Anos do Ensino Fundamental para esse público. Essa coleção faz parte do PNLD - Programa Nacional do Livro Didático que passou a contemplar essa modalidade de ensino a partir de 2011.

Este trabalho está dividido da seguinte forma: na primeira seção apresentaremos a fundamentação teórica que fornecerá subsídios para a apreciação do material; na segunda seção destacaremos a análise dos quatro volumes da coleção didática. Assim queremos propor uma discussão sobre o ensino da língua portuguesa em nosso país e o papel da escola frente à variação linguística.

Referencial Teórico**Sociolinguística: na perspectiva da variação**

No nosso dia a dia, nos deparamos com diversas situações em diferentes contextos, como por exemplo, a conversa com os amigos, o encontro com o cliente e a ida ao consultório médico. Com certeza, diante dessas circunstâncias, nos comunicamos de formas diferenciadas, de acordo com a finalidade das mesmas, bem como a relação com os interlocutores envolvidos. Essa variação da língua é o objeto de estudo da sociolinguística.

Qualquer língua exibe sempre variações; nenhuma se apresenta como unidade homogênea. Para Camacho (2009), a variabilidade é inerente ao sistema linguístico, não podendo, por isso, língua e variação serem separadas. Ainda para o autor, não se pode desvincular a língua e seu uso; a sua manifestação dentro de um contexto social, em situações reais. Assim, podemos destacar que a língua é formada tanto por fatores linguísticos como extralinguísticos, como a idade, a origem, região onde o falante vive, que influenciam o uso, as regras, favorecendo-a ou desfavorecendo-a.

Alkmim (2009) também menciona que essa diversidade linguística, os diferentes modos de falar são para a sociolinguística uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico. Seu ponto de partida é a comunidade em que a língua é falada, que se caracteriza por ser formada por um grupo de indivíduos que interagem verbalmente e que dividem regras

Letícia da Silva Barboza

e normas referentes ao seu uso.

Segundo esses autores, a sociolinguística é composta pelo princípio da heterogeneidade. Ambos reconhecem a existência da variação de formas linguísticas para a comunicação entre indivíduos, nos mais diferentes contextos e nas mais diferentes situações, vinculando sempre a língua com a sociedade.

Diante desse princípio, nos vem à tona o mito do aprender o português na escola, como se os falantes dessa língua já não o fizessem e o praticassem antes mesmo de chegarem à escola. A seguir, discutiremos como o tema variação linguística é abordado nas aulas de língua portuguesa.

Sociolinguística e o ensino de língua portuguesa

Atualmente, apesar da existência dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) que apresentam orientações para o ensino em nosso país, o ensino de língua portuguesa, na maioria das vezes, ainda é voltado à transmissão de regras gramaticais e ortográficas, se resumindo, muitas vezes, a exercícios para completar lacunas em branco.

Logo, o assunto variedades linguísticas tão pouco está presente nas aulas e nos materiais pedagógicos. Se presente nos livros didáticos, nem sempre a importância desse tópico é de conhecimento do professor ou considerado relevante pela escola.

O ensino de língua portuguesa é desvinculado da realidade dos alunos; os estudantes não conseguem identificar a língua portuguesa ensinada na escola com a língua utilizada no dia a dia. Isso torna o aprendizado desinteressante, difícil, levando os aprendizes, muitas vezes, à repetência ou à desistência. O modelo de língua ensinada é o de compensação - compensar supostas deficiências que os indivíduos trazem de sua vivência, suas experiências quando entram na escola, sendo papel dessa substituir uma variedade por outra: a variedade não-padrão pela padrão.

Entretanto, para a pesquisadora Bortoni-Ricardo (2004):

As crianças quando chegam à escola, já sabem falar bem a sua língua materna, isto é, já sabem compor sentenças bem formadas e comunicar-se nas diversas situações. Mas ainda não têm uma gama

ARTIGO

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: UMA ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS-EJA

muito ampla de recursos comunicativos que lhes permita realizar tarefas comunicativas complexas em que se exija muita monitoração. *É papel da escola, portanto, facilitar a ampliação da competência comunicativa dos alunos*, permitindo-lhes apropriarem-se dos recursos comunicativos necessários para se desempenharem bem, e com segurança, nas mais distintas tarefas linguísticas. (BORTONI-RICARDO, 2004, p.74) [grifo da autora]

A tarefa da escola é de ensinar os alunos o que eles ainda não sabem; é apresentar-lhes novas possibilidades, novas formas linguísticas de se expressarem, conhecer outras maneiras de dizer, adequando-as às circunstâncias de uso. Não cabe à escola, portanto, desenvolver o modelo da substituição de uma variedade por outra, como se houvesse o certo e o errado.

Os professores devem reconhecer e considerar a competência linguística que seus alunos já possuem para, a partir disso, mostrar-lhes os mais variados modos que o sistema linguístico dispõe a seus falantes para o ato comunicativo, sem crivo valorativo.

Bagno (2000) propõe que as aulas de língua portuguesa contenham atividades de pesquisa sobre a língua para que o aluno possa construir o seu próprio conhecimento linguístico. Atividades que levem os estudantes a refletirem sobre a língua, a conhecer as variedades e a heterogeneidade linguística tanto em textos orais quanto escritos.

Ainda para o autor, apenas a transmissão de regras não permite que o estudante conheça a língua, gerando insegurança nos mesmos, uma vez que a linguagem utilizada por este no seu cotidiano, não se assemelha a linguagem apresentada na gramática.

Assim, cabe ao professor de língua portuguesa, diante do exposto, apresentar textos, promover situações em sala de aula que contenham as variedades da língua. Assim o professor poderá auxiliar o seu aluno a refletir e analisar as diversas formas de nos expressarmos, sem emitir julgamentos de valor sobre as mesmas. Os aprendizes precisam perceber que a nossa forma de falar varia de acordo com a situação comunicativa, para que possam adequar a fala às circunstâncias de uso. Devem, portanto, sempre considerar o contexto, os interlocutores, bem como as intenções dos mesmos diante o ato enunciativo.

Letícia da Silva Barboza

Algumas considerações sobre a Educação de Jovens e Adultos e o ensino de língua portuguesa

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino cujos alunos são jovens que, por motivos diversos, não concluíram o Ensino Fundamental ou Médio na idade apropriada, bem como adultos e idosos que resolvem retornar ou iniciar seus estudos. Os estudantes da EJA caracterizam-se pela diversidade e heterogeneidade.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA (2000), faz-se necessário, portanto, que o ensino voltado a esse grupo atenda as suas especificidades e particularidades, enfatizando a sua cultura, a sua origem, bem como a valorização de suas experiências de vida.

Segundo as diretrizes:

EJA é o momento significativo de reconstruir estas experiências da vida ativa e ressignificar conhecimentos de etapas anteriores da escolarização articulando-os com os saberes escolares. A validação do que se aprendeu “fora” dos bancos escolares é uma das características da flexibilidade responsável que pode aproveitar estes “saberes” nascidos destes “fazeres”. (BRASIL, 2000, p.34)

Assim, é importante destacar que a EJA busca potencializar competências e saberes dos sujeitos já existentes e o desenvolvimento de novas habilidades a partir do acesso às oportunidades. Dessa forma, destaca-se o princípio da igualdade como norteador dessa modalidade de ensino, além da função recuperadora, considerando-se a escolarização para a inserção no mercado de trabalho.

Sabendo que o espaço escolar da EJA é bastante complexo e heterogêneo, devido a todas as peculiaridades dos sujeitos envolvidos nessa modalidade, para que a aprendizagem dos aprendizes se torne significativa, é fundamental que as necessidades dos alunos também devam ser consideradas. O ensino, logo, deve partir das experiências de vida, dos saberes e do contexto sociointeracional, conforme já mencionado.

Dessa forma, entende-se a importância de um trabalho na escola voltado para as variações linguísticas. Para que os

ARTIGO

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: UMA ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS-EJA

aprendizes valorizem a sua maneira de se expressar, bem como legitimem outras tantas de acordo com o ambiente em que estarão inseridos. A seguir, apresentaremos a análise da coleção de livros didáticos no que tange à abordagem desse tema.

Análise da coleção de livros didáticos

A partir da década de 60, com a democratização do ensino, em virtude da expansão do capitalismo e o desenvolvimento da indústria, o livro didático passa a ser um material didático utilizada nas escolas brasileiras. Sua função é estruturar os objetivos de ensino de língua portuguesa nas escolas e as metodologias de ensino. (BATISTA, 2003).

Entretanto apenas em 1985, com a criação do PNLD - Programa Nacional do Livro Didático - é que o acesso a essa ferramenta de ensino é ampliado, sendo distribuído gratuitamente a todas as instituições de ensino. Em 1996, o PNLD passa a avaliar os livros antes de adquiri-los e distribuí-los. Essa avaliação contempla o tema variação linguística através da presença de textos que não levem a preconceitos de variedades não-dominantes (dialetos, registros), tanto em relação à leitura, à escrita, à oralidade e à reflexão.

Em relação às coleções destinadas a EJA, apenas em 2011 o PNLD inclui material pedagógico para essa modalidade de ensino. Há apenas 2 coleções de livros didáticos para os anos finais aprovadas pelo programa. A escolha da série Tempo de Aprender para ser material de análise desse trabalho deve-se por essa ser uma das coleções indicadas pelo PNLD.

A coleção Tempo de aprender, da editora IBEP, editada no ano de 2009, é composta por 4 volumes multidisciplinares dos anos finais do Ensino Fundamental, 6º, 7º, 8º e 9º Anos, destinados a alunos da EJA. A primeira seção de cada livro corresponde à língua portuguesa, sendo esta dividida em 2 unidades com 2 capítulos cada.

Para a análise, seguiremos a ordem dos livros: 6º, 7º, 8º e 9º Anos e suas respectivas seções que abordam a questão da variedade linguística.

Análise do livro do 6º ano

No volume destinado ao 6º Ano, no primeiro capítulo,

Letícia da Silva Barboza

intitulado "Identidade", a seção "Ampliando o tema", página 25, apresenta duas perguntas: *Para você, a língua também é uma forma de retratar um povo, uma cultura, uma pessoa? A língua que falamos também constitui nossa identidade?*

Seguido às perguntas, encontramos o trecho do seguinte texto:

A língua falada representa, igualmente, uma das mais imediatas marcas de identidade social: "A fala de uma pessoa pode indicar seus sentimentos, o tipo de personalidade que tem, quem é. Alguns modos de falar são indicadores de características demográficas, tais como idade, sexo, ocupação, grau e tipo de educação, nação ou região de origem." (Robinson, 1977:68)

Dino Preti (Org.). *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.

Posteriormente a essa explicação, na página 26, há um texto, que é introduzido pelos autores da seguinte forma: *Pensando nessa afirmação, leia o próximo texto:*

Quando eu era jovem mesmo, um parente de minha mãe me levou para o Pará. Lá eu inventei essa quadrinha:

Quando eu entrei no Pará
achei a terra maió
vivo debaixo de chuva
mas molhado de suó.

Lá eu conheci muita gente, visitei muitos cearenses que moravam lá, mas voltei logo. Depois eu voltei de minha viagem ao Pará, fui a Fortaleza, me apresentar à filha do grande poeta Juvenal Galeno. Levei uma carta de apresentação de José Carvalho de Brito, aquele que me deu o nome de Patativa. Lá eu cantei um pouco. Depois eu queria um livro dele. Foi aí que eu criei a "Carta à Doutora Henriqueta Galeno". Eu conheci ela pessoalmente. Filha do grande Juvenal Galeno. Aí eu queria o livro do Juvenal Galeno, fiz essa carta e ela me ofereceu um presente do livro dele, com o título "Folhetim de Silvano". A carta que escrevi era assim:

Incelentíssima dotôra
peço perdão à senhora
desta carta lhe enviá
mas leia os versos rastêro
de um cabôco violêro
do sertão do Ceará.
Sou o cantadô Patativa
que trôxe aquela missiva
aquele papé escrito
e cantou no seu salão
com a recomendação
do Zé Carvaio de Brito.

Aí ela mandou o livro.

Patativa do Assaré. *Digo e não peço segredo*. Org. Tadeu Feitosa. São Paulo: Escrituras, 2001.

ARTIGO

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: UMA ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS-EJA

Ainda, na mesma página, seguido ao texto, inicia-se a seção “Um olhar para a língua – Diferentes falares”, que contém as seguintes perguntas:

1) Quem fala nos versos tem um jeito de se expressar típico de quem mantém a linguagem do homem do campo ou de quem vive na cidade?

2) Assinale correta: O registro dos versos:

a) corresponde à maneira de falar de quem vive na área urbana.

b) buscou representar, por meio da escrita, a fala do sertanejo.

c) apresenta uma linguagem típica do público jovem.

3) Em determinado trecho do depoimento, Patativa afirma que enviou uma carta à doutora Henriqueta Galeno. Ele escreveu a carta da forma de versos. Releia o primeiro verso da carta-poema:

Incelentíssima dotôra

Ao representar na escrita a maneira como fala, Patativa se dirigiu à Henriqueta Galeno usando uma linguagem mais formal ou uma linguagem solta, informal?

Por que ele empregou esse tipo de linguagem na carta?

Que palavras da carta-poema foram escritas buscando representar a maneira como o sertanejo fala e que são diferentes do modo como são registradas no dicionário?

A seguir, os autores apresentam uma explicação sobre o conceito de variedade linguística e mais um questionamento referente à carta de Patativa:

d) Ao escrever a carta, Patativa conseguiu ser compreendido e obteve a resposta que queria? Como você concluiu isso?

Através das atividades propostas baseadas no trecho do livro “Digo e não peço segredo” percebe-se a ênfase ao modo de falar de uma das personagens, a fim de levar o leitor a caracterizar, reconhecer o autor dessas palavras. Além disso, os autores promovem uma reflexão, pois no texto não há indícios de como é essa personagem.

Após, há uma indagação sobre o tipo de linguagem utilizada: formal ou informal, sem antes estas diferenciações serem apresentadas. Entretanto, ao se referirem à linguagem

Letícia da Silva Barboza

informal, os autores a caracterizam como “solta”, conduzindo os leitores a uma interpretação. Há também o questionamento sobre o porquê da escolha de um tipo de linguagem ao invés de outra.

Percebemos que os autores da coleção estimulam os leitores a perceber a variação linguística presente no texto e dirigem os mesmos a refletirem sobre o uso da mesma, sem crivo valorativo ou o uso de formas corretas. Além disso, notamos que essas atividades baseadas no texto serviram de introdução para a explicação sobre variedades linguísticas.

Verificamos que a intenção dos autores é enfatizar a existência das diversas formas de falar, bem como de considerá-las relevantes. Ao afirmarem que a variedade de formas linguísticas é tão legítima quanto a padrão, os autores reforçam a importância de reconhecê-las independentemente de se aproximarem da variedade de prestígio. Além disso, os mesmos mencionam a necessidade da adequação da linguagem à situação comunicativa em que o sujeito está inserido.

A questão da adequação da linguagem deve estar presente em todas as aulas de língua portuguesa, principalmente nas aulas da EJA, uma vez que os alunos dessa modalidade possuem alguns preconceitos com o seu modo de falar, acreditando que falam errado, uma vez que os mesmos são pertencentes a uma sociedade que desvaloriza a língua e o saber popular, refletindo assim a ideologia presente no contexto social.

Na página seguinte, 27, temos esta figura e algumas questões:



ARTIGO

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: UMA ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS-EJA

Você acha que as pessoas que vivem em sua região se identificariam com alguma dessas expressões ou diriam isso de outra maneira?

Há alguma expressão que você não saiba o que significa?

É possível um brasileiro não compreender alguma expressão usada por outro brasileiro, apesar de falarem a mesma língua? Por quê?

Se você vivenciou ou sabe de alguém que tenha vivido uma situação parecida com a mencionada na questão anterior, conte para sua turma.

Você acha que há preconceito por causa da maneira de falar das pessoas? O que você pensa sobre isso?

Aqui notamos que o intuito dos autores é levar o leitor a refletir sobre a sua experiência pessoal e o seu conhecimento no que tange à variação linguística. Percebemos também que estes conduzem os leitores a uma reflexão sobre o preconceito linguístico, embora nos fique evidente que tenha sido enfatizada a variação regional nesse capítulo do livro.

Análise do livro do 7º Ano

Nesse livro, no primeiro capítulo, cujo título é “O Encantamento e a Natureza”, os autores apresentam na seção “Um olhar para a língua”, página 26, a história em quadrinhos e questões referentes à escrita de uma palavra, um verbo, que é o conteúdo gramatical desenvolvido no capítulo:



Ziraldo. *O menino maluquinho*. São Paulo: Melhoramentos, 2000.

Letícia da Silva Barboza

De que outra maneira podemos escrever a palavra “tô, empregada pelas personagens?

Por que você acha que ela foi usada dessa maneira no texto?

Na fala, é possível que algumas palavras sejam usadas de maneira diferente daquela que costumamos usar na escrita convencional. É o caso de “chegô” em vez de “chegou”, “cantô” em vez de “cantou”. Alguns textos escritos, na tentativa de representar a fala cotidiana, costumam usar essa forma de registrar as palavras. Isso aconteceu nessa tira do Menino Maluquinho, escrita por Ziraldo: “Eu tô apertado!!!”

Portanto é importante perceber que é preciso adequar o uso das palavras, conforme a situação de comunicação e o gênero de texto que queremos produzir. Pensando nisso responda: Em que situação de escrita você poderia escolher usar a palavra “tô”? E a palavra “estou”?

As questões propostas com base na fala da personagem da história permitem ao leitor refletir sobre os elementos linguísticos que utilizamos para nos expressarmos oralmente, em nosso dia a dia. Após as perguntas, há uma explicação referente ao emprego desses, que devem estar adequados à situação comunicativa e aos interlocutores envolvidos. Na escrita, o mesmo deve acontecer, uma vez que a utilização de palavras como “tô” é aceita em algumas circunstâncias.

Os autores, nessa atividade, não remetem o leitor ao emprego da norma culta, nem mesmo a noção do certo e errado. Novamente, fica evidente que o objetivo dos mesmos é enfatizar as diversas formas de nos comunicarmos e a importância de ajustar essa maneira à circunstância, levando o leitor a refletir sobre essa questão.

No capítulo 3, “A vida nossa de cada dia”, na seção “Um olhar para a língua”, página 69, após alguns exercícios gramaticais sobre pronomes pessoais, temos a seguinte atividade:

ARTIGO

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: UMA ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS-EJA

Em que situações a seguir o pronome pessoal em destaque foi usado de maneira informal? Esse uso foi adequado? Por quê?



Neste exercício, ao apresentarem duas situações de uso do pronome, os autores destacam, novamente, que existem diversas possibilidades de nos comunicarmos, devendo sempre considerar a circunstância, os interlocutores, bem como as intenções de quem fala. Não há menção ao modo correto (padrão) de nos pronunciarmos, mas sim ao da adequação ao contexto.

Análise do livro do 8º Ano

No livro para alunos do 8º Ano, no primeiro capítulo, “Remexendo o baú da cultura, na seção “Aprofundando o tema”, página 12, temos a seguinte canção:

Letícia da Silva Barboza

Cuitelinho → Nome dado ao beija-flor na região Centro-Oeste do Brasil.

Cheguei na beira do porto
Onde as onda se espaia
As garça dá meia volta
E senta na beira da praia
E o cuitelinho não gosta
Que o botão de rosa caia, ai, ai
Ai quando eu vim
da minha terra
Despedi da parentáia
Eu entrei no Mato Grosso
Dei em terras paraguaia
Lá tinha revolução
Enfrentei fortes batáia, ai, ai
A tua saudade corta
Como aço de naváia
O coração fica aflito
Bate uma, a outra faia
E os óio se enche d'água
Que até a vista se atrapáia, ai...

Domínio público

Após algumas questões de interpretação, temos na seção “Um olhar para a língua – Variedades Linguísticas”, página 15, as seguintes perguntas:

O que significa a palavra “parentáia”?

Consulte o dicionário e verifique como a palavra “parentáia” está registrada.

De que maneira essa palavra aparece no dicionário? Transcreva-a com o significado mais adequado à canção.

Qual deve ser o motivo da palavra ser escrita de formas diferentes (na

ARTIGO

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: UMA ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS-EJA (canção e no dicionário)?

Quais outras palavras presentes na canção são registradas de maneira semelhante a “espáia” e “batáia”?

Por qual motivo as palavras “espáia”, “parentáia” e “batáia” foram escritas dessa maneira?

A partir das questões anteriores, é possível afirmar que existe uma única forma de falar ou escrever na nossa língua?

Após as questões, os autores apresentam uma definição sobre variedade linguística:

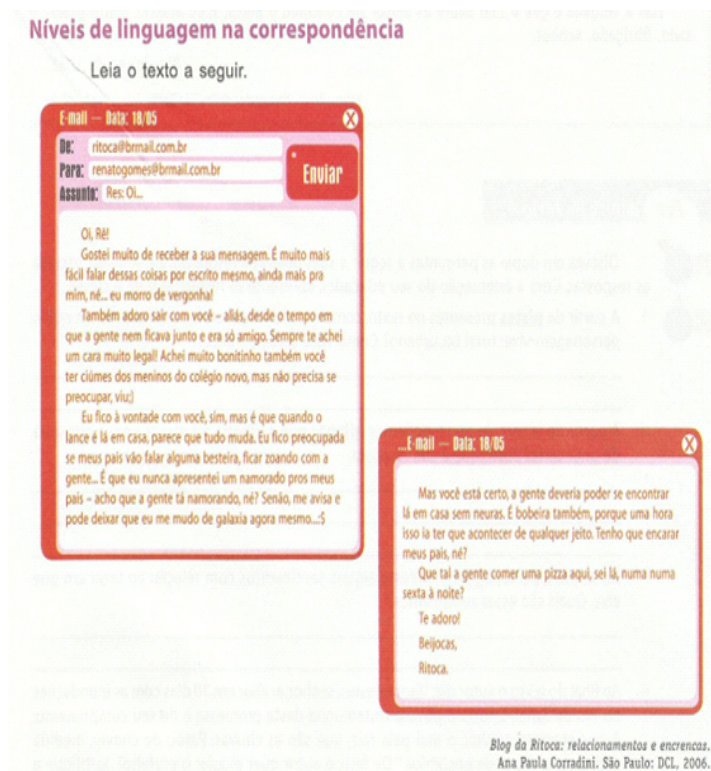
As variedades da língua

Em nossa sociedade há falares mais prestigiados e menos prestigiados. Damos o nome de norma urbana de prestígio aos falares urbanos que em uma comunidade linguística desfrutam de maior prestígio político, social e cultural. O uso da língua empregado por falantes cultos da área urbana costuma ser prestigiado socialmente, tanto na fala, quanto na escrita.

Mas a língua pode se manifestar em outras variedades, ou seja, outras maneiras de falar e escrever, diferentes da norma de prestígio e tão legítimas quanto.

Inicialmente, os autores utilizam a canção para introduzir o tema a ser discutido. As questões sobre a música remetem à variedade linguística. A partir de alguns verbos registrados na canção, que não seguem a norma culta, os autores apresentam a existência de outras formas para nos expressarmos, questionando os alunos sobre isso. A intenção dos mesmos é destacar as diversas maneiras de nos comunicarmos e que todas estas são legítimas também. Entretanto, não é abordada a questão da adequação, o que é extremamente relevante para os alunos da EJA.

No capítulo 11, também na seção “Um olhar para a língua” – Níveis de correspondência, encontramos o seguinte texto:



E uma pergunta referente à variedade linguística: *A Ritoca usou uma linguagem séria, formal ou uma linguagem descontraída, informal? Justifique com exemplos.*

O objetivo dos autores com este exemplo é apresentar que a variação também está presente em textos escritos. Entretanto, acreditamos que apenas mostrar que a linguagem utilizada pode variar, podendo ser formal ou informal não é suficiente. É importante promover uma discussão sobre as razões que levaram Ritoca (a autora do e-mail) ao uso dessa linguagem.

Análise do livro do 9º Ano

No último livro da série para alunos do 9º Ano, não encontramos exercícios que mencionem a variação linguística

ARTIGO

VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: UMA ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS-EJA especificamente. Na seção “Tramando textos e ideias”, página 26, do capítulo 1, “Seu trabalho faz a diferença”, temos uma proposta de simulação de entrevista de emprego. Há um roteiro a ser seguido, além de critérios para a avaliação. Um dos critérios consiste na linguagem utilizada pelo entrevistado, se essa é formal ou informal; se é adequada para o momento. Entretanto, não há um questionamento sobre os motivos de escolha de um modo de falar ao invés de outro nessa situação. Acreditamos que seria importante esse questionamento a fim de promover uma discussão entre o grupo de alunos.

Considerações finais

Embora o ensino de língua portuguesa necessite ser modificando nas escolas brasileiras, uma vez que a ênfase ainda é dada ao emprego de regras gramaticais, percebemos que a variedade linguística já está presente nos materiais pedagógicos. A análise da coleção Tempo de Aprender comprovou isso, visto que esse tema é abordado na série.

Não encontramos em nossa análise julgamentos de certo e errado no uso da língua e, muito menos, julgamentos de valor referentes ao uso de uma variedade, bem como a ênfase na substituição de uma por outra. Fica-nos evidente que os autores dessa obra querem mostrar as diversas formas de manifestação da língua.

Verificamos também que o destaque foi dado às variações regionais, embora outras também tenham sido mencionadas e também trabalhadas, como as variedades estilísticas. Entretanto, o tema adequação linguística foi pouco abordado ainda que seja extremamente relevante e importante, principalmente, para alunos da EJA conforme já discutido. Fica-nos evidente que há a apresentação da variedade linguística embora, em nenhum momento, o aluno seja levado a compreender a necessidade de adequação do discurso ao contexto em que se encontra.

Além disso, percebe-se, através da análise realizada do material, que os autores do mesmo não promovem uma reflexão sobre a relação de prestígio existente em relação à norma culta em nossa sociedade, o porquê ainda em nosso contexto social se privilegia essa norma.

Letícia da Silva Barboza

Enfatizamos que o livro didático é uma ferramenta de auxílio ao professor, portanto, questões que pouco foram discutidas nessa coleção podem e devem ser sugeridas e promovidas em sala de aula, uma vez que esse material não consegue abranger e contemplar toda a diversidade de saberes presentes em sala de aula e que devem ser consideradas para a aprendizagem da língua. Ainda, vale destacar que apenas a apresentação de modos diferentes de falar em função de dialetos e registros não se fazem suficiente, mesmo que seja enfatizado não emitir julgamentos de valor. É preciso levar os educandos à reflexão desses modos, os contextos em que ocorrem, ampliando assim as possibilidades comunicativas dos sujeitos.

Referências Bibliográficas

ALKMIN, T.M. Sociolinguística: Parte 1. In: MUSSALIN, F; BENTES, A.C. (Org.). *Introdução à Linguística 1: domínios e fronteiras*. 9ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2009, p.p. 21- 47.

BAGNO, M. *Dramática da Língua Portuguesa: tradição gramatical, mídia & exclusão social*. 1ª ed. São Paulo: Loyola, 2000.

BATISTA, A. A. G. A avaliação dos livros didáticos: para entender o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). In: ROJO, R.; BATISTA, A. A. G.(Orgs). *Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

BENVENISTES, E. Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da Linguística. In: *Problemas de linguística geral*. São Paulo, Cia. Editora Nacional/ EDUSP,1976.

BORTONI-RICARDO, S.M. *Educação em Língua Materna: a sociolinguística em sala de aula*. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. V.2. Brasília, DF: MEC, 1998.

ARTIGO

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: UMA ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS-EJA

_____. Câmara de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais para*

Educação de Jovens e Adultos. Brasília: MEC, 2000. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf Acesso em 15/02/2013.

CAMACHO, R.G. Sociolinguística: Parte 2. In: MUSSALIN, F; BENTES, A.C. (Org.). *Introdução à Linguística 1: domínios e fronteiras*. 9ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2009, p. p. 49-75.

SILVA, C.O; SILVA, E.G..O; MARCHETTI,G.N. *Coleção Tempo de Aprender –EJA 6º ano, 2ºed*. São Paulo: IBEP, 2009.

SILVA, C.O; SILVA, E.G..O; MARCHETTI,G.N. *Coleção Tempo de Aprender –EJA 7º ano, 2ºed*. São Paulo: IBEP, 2009.

SILVA, C.O; SILVA, E.G..O; MARCHETTI,G.N. *Coleção Tempo de Aprender –EJA 8º ano, 2ºed*. São Paulo: IBEP, 2009.

SILVA, C.O; SILVA, E.G..O; MARCHETTI,G.N. *Coleção Tempo de Aprender –EJA 9º ano, 2ºed*. São Paulo: IBEP, 2009.

Recebido em: 28/03/2013 - Aceito em: 05/09/2013